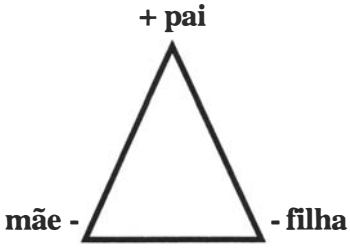
A-Mor (te) pelo pai ao a–mor de transferência

Nilda Deiró

O sintoma é concebido por Freud como *substituto de uma satisfação pulsional* (1926), e por Lacan como a cristalização das primeiras palavras ouvidas que constituem o equívoco (1975).

O equívoco do sujeito passante, que será objeto deste trabalho, foi acreditar que dois fazem *Um* pela vertente do amor – *unien-*. Ele não sabia que o semblante fálico o impedia de apreender que no amor há o tédio – *ennui.*[1] Assim é firmado um pacto de fidelidade ao pai, que se constitui como uma armadura, conjugando amor e desejo: deseja ser desejada como única pelo pai, cuja conseqüência é o surgimento da fenomenologia de rivalidade entre duas mulheres, identificadas por um antecedente lógico – *Penisneid*. Elas colocam em movimento um circuito de insatisfação entre três personagens, porque não podem usufruir de um gozo de que estão privadas e que ele tem em excesso: [2]



Esta insatisfação estrutural, determinada pela V*ersagung*, é tamponada pelo amor. Manifesta-se, porém, quando o falasser é privado da posse da sombrinha com cabo de *madrepérola*,[3] pela intervenção da demanda do Outro. A perda desse objeto ressignifica a cena do nascimento, em que os ditos do Outro têm valor oracular: *doutor, minha mulher é uma pérola rara, salve a mãe.* Perder esse objeto é equivalente ao desamparo da *princesa russa*, que come resto de lixo após a morte do pai.[4]

Instaura-se no falasser tanto a busca do objeto como o caráter mimético da rivalidade, pela reunião das pulsões parciais cujo efeito é a identificação ao objeto amado. A reunião dessas pulsões funda o desejo de expulsar e instaura a dialética: *jamais me olhas lá de onde te vejo;* e, inversamente, *o que se olha não é o que se quer ver.*[5]

A omissão do pai na cena da sombrinha é subjetivada como impotência de ver que sua *única filha* foi privada do objeto que desejava. Desde então, *nada* satisfaz o seu desejo.

Filha única é o significante que marca a passagem da posição de objeto do Outro para a de sujeito desejante:

$$\not{S} \longrightarrow S_1 \quad \text{(filha única)}$$

A sintomatologia que faz a relação sexual existir surge quando o falasser é subtraído da convivência familiar para o internato, deixando a mãe como *única* e a

filha única como um *resto de lixo, prisioneira* no internato e rejeitando a alimentação (*náuseas*). Esse abandono evidencia o impossível a dizer na cena da sombrinha:

$$\frac{\text{O pai é meu}}{\text{Homem}}$$

A eleição de objeto amoroso remete ao desejo da mãe (DM), em que o *falo* é representado por seu equivalente simbólico – *valor monetário.* Desencadeia-se uma *hostilidade*, compensada por *gastos desmedidos*, para subtrair do Outro aquilo suposto desejar, porém com um endereçamento ao pai. A sua omissão provoca nova modalidade de atitude: recusa o seu dinheiro, *porque não é isso.*[6]

Pai, sintoma pai, metaforizado pelo significante *madrepérola* – tecido para fazer suplência ao gozo do Outro sexo, pois A mulher não existe – *não cessa de demandar o dom do amor* e elege como texto do gozo *não é isso,* para *cair como resto.* O falasser reedita na vida amorosa esse traço da *devastação* – uma hostilidade por *nada*, que surge do *nada* e que determina duas separações.

O sujeito passante se implica diante de um encontro com o real: *morte do parceiro.* Trata-se de um momento singular, em que o falasser deseja manter a parceria. Não se trata, pois, de uma impotência do falasser, mas de uma impossibilidade lógica em que a *hostilidade* é deflagrada e endereçada ao Outro, dito materno. Este mal-estar determina uma terceira demanda de análise, comandada pelo significante *insubstituível*, [7] pois o então analista se ausentara. *Insubstituível* se articula a *não te aceito* e há uma *transferência da hostilidade*, idêntica a uma transferência bancária, para o *objeto agalmático.*

A relação transferencial atualiza a relação de objeto da *neurose infantil* – esse objeto morto no desejo do Outro, que busca um lugar para se alojar. Os ditos do Outro são metaforizados pelo significante *madrepérola*, pois o cabo da sombrinha é de algo semelhante a acrílico. *Insubstituível* é um significante da enunciação referido a *madrepérola,* essa *mulher insubstituível* ao preço da *morte ao filho*, daí a conexão com *não te aceito.*

A – Mor (te) pelo pai ao a-mor de transferência – a trajetória de uma experiência subjetiva em que ocorre uma *diz-solução:* a simbolização de um gozo mortífero, que *real-iza* as operações de troca na economia desse sujeito passante, que desliza na busca do objeto amoroso para depois descartá - lo, pois no seu horizonte está A- Mor (te) pelo pai. Este sujeito pode, finalmente, trocar o A- Mor (te) pelo a-mor e se confrontar com momentos de incerteza, sustentado pelo *nada,* que é a sua própria condição de *ser*. Essa metamorfose na economia é interpretada pelo inconsciente, através do sonho em que os parceiros aparecem como imagens virtuais, o pai tem aparência de imagem real, mas também é uma imagem virtual; o analista é a imagem real. O falasser puxa, uma-a-uma, as imagens virtuais. A cada aproximação e comparação com a imagem real, há queda da imagem virtual. Finalmente cai a imagem real. O falasser pode entender que o verdadeiro parceiro é o *Sintoma Pai* e isto o liberta do parasita linguajeiro – *resto de lixo* – que é a própria libertação do pacto de amor: *tu es / tuer* .[8]

Os significantes da articulação transferencial, enquanto significantes da enunciação, referem-se a momentos existenciais, como encontros com o real.[9] Desses encontros, é possível apenas apreender seus efeitos:

- cair como resto no desejo do Outro;
- cair como resto da fantasia masculina;
- cair como resto de uma operação subjetiva;
- cair como dedicatória de um livro.

Essas quedas sucessivas constituem o fundamento de um circuito pulsional, que vai buscar sua satisfação em *se deixar cair*, na acepção mais ampla do termo: *passagem ao ato* e o *ato de parir.*[10]

O a-mor de transferência, amor ao saber, permite o *nascimento* de um saber, advindo do *não-saber* cuja lógica pode ser articulada aos pressupostos de Freud e de Lacan: *satisfazer uma pulsão é dizê-la*. O próprio inconsciente *se diz* através de um sonho em que o falasser comete um assassinato e se sente *livre* ao ser preso. Ele se sente feliz porque tem duas carteiras de cigarro. O sujeito passante entende que há mudanças no alvo da pulsão, ao mesmo tempo em que se torna um *rebotalho* para a sociedade – *drop-out*.

O significante *livre* emerge para representar a disjunção de um **a-mor**, do qual **rest-*a como semblante***.

Referências Bibliográficas

[1] LACAN, J. *Televisão* (1974), versão brasileira de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 46.

[2] GERBASE, J. *Sintoma e tempo*, 1999, inédito.

[3] LACAN, J. " ...signo para marcar sua associação com o significante. Mas o significante dele difere pelo fato de sua bateria já se dar n'alíngua"..."essas cadeias não são de sentido mas de gozo...". *Op.cit.*, p.23 e 25.

[4] Reportagem da revista *O Cruzeiro*, em que alguém dizia ser a Princesa Anastácia.

[5] LACAN, J. *O seminário,* livro XI – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973, p. 90-102.

[6] _____. *O seminário*, livro 20 - Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.170-171.

[7] _____. *Insubstituível*, significante da transferência, portador de uma "excitação maníaca por meio da qual esse retorno se torna mortal". Televisão, *op.cit.*, p.44.

[8] _____. *Idem.* Notas de tradução, parte VI, n.2, p. 88.

[9] _____. *L'Étourdit*, 1971, inédito.

[10] MAGALHÃES, S. *Léxico psicanalítico - Psicanálise, Passagem ao ato*, 1999, texto inédito.